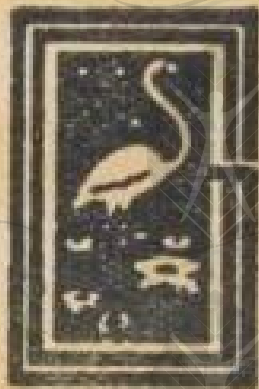


GASTÃO CRULS

# A AMAZONIA QUE EU VI

OBIDOS-TUMUCUMAQUE

*Prefácio de Roquette Pinto*



RIO DE JANEIRO  
1930



## PREFACIO

*Na composição de um romance o escriptor é dono do assumpto. Escolhe de vagar os episodios, plasma as figuras, corrige as situações à feição do seu temperamento e de accordo com as imposições da obra de arte que vai creando.*

*Na litteratura das viagens, nada disso... O assumpto governa o escriptor, os episodios surgem de repente, as figuras desenham-se por si... ou se embiocam. Nas «viagens» o escriptor supporta situações que, no «romance», com soberano determinismo elle mesmo escolhe. Se o escriptor não é artista, o romance é um caso policial e a narrativa de viagem, um relatorio.*

---

*Romancista de tantos volumes admiraveis, Gastão Cruls dirá se é certo isso que ahi*

*lica, hoje que annexou á sua bibliographia este magnífico tomo de viagem.*

*Nós, seus leitores e admiradores, entendemos que com este livro Gastão Cruls, além de servir de modo honesto a cultura brasileira, ainda por cima pagou a dívida confidada na «lettra promissoria» que foi a AMAZONIA MYSTERIOSA. Pagou regiamente. Nas paginas deste livro corre o mesmo estylo pessoal, puro e gracioso, arhetorico, bem humorado, sempre emotivo, que caracteriza o feitiço artistico do escriptor. A evocação é, por vezes, magistral; sempre interessante. É livro bem vivido que, por isso mesmo, a gente pega e não deixa senão na ultima pagina. Ha nelle toda uma vibração commedida, mas indisjarçavel. O autor é discreto em tudo. Poucas vezes um homem de letras apparece assim, tão igual a si mesmo. Buffon, ainda neste caso, acertou... Quero dizer que este é*

*um livro sincero, como é sincera toda a obra de Gastão Cruls. Sendo assim, embora gênero diverso, este volume não será considerado irmão espúrio dos outros lindos trabalhos do autor de COIVARA.*

*E a grande impressão que me deixou o livro. Há, porém, neste um traço que desejo salientar particularmente: a erudição científica que o autor soube polvilhar nas suas notas de maneira realmente feliz. Quanta coisa a gente aprende sem esforço, nestas páginas soberbas!*

*De tantos quadros, que esmaltam o livro, nenhum mais commovedor do que a evocação das creanças enjauladas, em berços gradeados, dormindo assim em plena mattaria, protegidas contra os vampiros sanguisedentos, phyllostomas que o aventureiro F. W. Up de Graff considerou «o mais repugnante dos innumeros flagellos da Amazonia».*

*Quem quizer resumir em um episodio toda a energia que os brasileiros têm posto na conquista da sua terra, não precisa de outro; basta o quadro dos filhotes da raça calumniada encurralados nos berços, crescendo por entre feras e pragas, enrijados nos perigos entre os quaes se desdobra a sua infancia.*

*Isto é mais do que a Amazonia que Gastão Cruls viu; é a Amazonia que elle nos faz ver, de maneira deliciosa, pelo milagre de um bom gosto apurado, sem tropos nem lantejoulas. As cousas que ali têm brilho, brilham aqui por si mesmas; as sombras surgem na composição das telas com a intensidade que tinham no modelo, sem excessos da paleta do artista, que sabe trabalhar as tintas com mão de mestre.*

*Como desmente este livro os imprudentes e levianos que imaginam o Brasil pro-*

*pedindo somente á custa da «gente branca», que elles chamam, errado, ingenuamente, de «raça aryanas»? Como palpita, nas papinas fortes, a vibraçào dos musculos cahoclos, no varar das cachoeiras, arrastando nos pedrouços cedentes, castigados pelo sol, os «madeiros» pesados! Como vive, neste livro, a alma dos humildes brasileiros que não conhecem sadigam nem medo, na hora de «cumprir a obrigação»? Gastão Crafs serviu, aqui, com sinceridade e brilho á sciencia e ás letras. Mas deixou tambem, nesta obra, um depoimento desataviado e quasi brutal, em favor da gente mestiça que vem desbravando o Brasil para que os taes «aryanos» o aproveitem...*

*Vê-se, mais uma vez, que se a terra é aspera, — o homem é teimoso e forte.*

ROZETTE PINTO.



1928

13 de Setembro. — A partida estava marcada para as treze horas, quando a *Amazonina* largou da ponte, começando a subir o Amazonas. Daqui até a primeira cachoeira do Erepecurú, teremos o relativo conforto de uma alvarenga, que é rebocada pela lancha a gasolina.

O Amazonas, defronte a Obidos, experimenta a maior angustia do seu percurso: grossas águas que se afundam a mais de cem metros, mas não abarcam dous kilometros de largura. Ahi, segundo Paul Le Coite, pôde-se calcular que, durante a cheia, passam, por minuto, de quatro a doze milhões de metros cubicos d'água.

Sem estorvos nesse trecho, a vista facilmente alcança a vegetação da sua margem direita, aliás, apenas espessa tarja, toda feita

numa só tinta, de um mesmo verde sombrio e empastado. Outro tanto já não acontece com a margem ao nosso lado, sempre muito próxima, e da qual ressaltam os accidentes mais insignificantes.

Logo de início, a uma curva, deixámos para traz o casario de Obidos, antemurado por uma barranca de arenito, que desce a prumo sobre o rio. Contudo, a escarpa é passageira, e não tarda que o capim venha coser-se á fimbria d'agua, numa fofo e riso-nha alcatifa, ondeante aos jogos da viração, e de onde exsurgem aningas de largas folhas envernizadas. Mais para traz, annunciando a matta, imbaúbas brancacentas e tachizeiros esguios, estes ultimos ainda em flor, com as ramas espontadas de um roseo ferrugineo.

A menos de uma hora de viagem, estamos á bocca do Trombetas, o rio que deveremos subir, em demanda do Cumina ou Erepecuri. A' sua fóz, fica a Ilha Maria Thereza, que o compelle a dous desaguadouros: uma calha a montante, um estreito paraguá a jusante. E' justamente este que se acha logo á nossa mão e pelo qual penetramos agora, ainda costeando a margem esquerda.

Anima-se, então, a paizagem. Tanto á ou-rilha do rio, como nos tesos da ilha lobrigam-se espinhas humildes, quasi todas soerguidas do solo, para fugirem aos riscos da enchente,



e tendo cada qual o seu portinho, por vezes numa nesga de areia alva, onde descansam canoas.

De novo, espanta-nos a destreza com que lenhos curumins cortam as aguas do rio, pagaiando sózinhos à proa de frageis e minúsculas montarias. Não raro, vêm-lhes mesmo o capricho de se afoitarem até a maresia des-  
pertada pelo nosso comboio, onde as *casquinhas de noz* guinam e cabriteiam sobre as levadias, para maior gaudio dos seus paliauros. Observando-os em tão perigoso folguedo, acode-nos a idéa de Rodway, que no testemunhar a habilidade com que os indigenas da Guyana pilotavam as suas embarcações, se recordava do velho mytho de uma creatura meio-homem e meio-peixe.

A' medida que avançamos, observam-se propriedades melhores. Fazendolas cercadas de cacauaes e em que as casas se destacam num terreiro bem limpo, onde viçam eutés, mangueiras e bananeiras. Em um ou outro ponto, cabeças de gado no pastoreio. Aqui, tambem os curraes são feitos sobre giraus, para as longas invernações, quando a agua invade tudo e a criação precisa ser posta ao abrigo dos diluvios periodicos. Junto de um desses mutás, algumas cassias — os *maritmaris* da região — com lindos enchos de ouro. Igualmente floridas as mongubeiras. E flori-



## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



Secretaria de  
**Estado de Cultura**

